

Pe. NEY BRASIL PEREIRA

Entrevista ao Pe. José Artulino Besen em fevereiro de 2006, por ocasião do seu Jubileu de Ouro Presbiteral

Nome e retrato dos pais: **Antônio Pedro Pereira**, filho de pescador, funcionário da Alfândega do porto de São Francisco do Sul, e **Maria da Graça Parreira Pereira**, do lar, com o nome da Padroeira da cidade, Nossa Senhora da Graça, a quem ela chamava de “minha madrinha”. Papai deixou-me a imagem do homem forte, retilíneo, de honestidade a toda prova, falante, ativo, líder por natureza, homem de fé, provado nos últimos três anos de vida por um câncer que o foi derrubando e destruindo fisicamente devagar, de modo cruel, e que ele suportou com paciência heróica. Já acamado, deixou-me partir para minha especialização nos EE.UU. em agosto de 1962 e esperou pela minha volta. Revi-o ainda com vida e o assisti em seu leito de morte, no Hospital de Caridade, aos 29.7.1963. Ele tinha 65 anos de idade. Mamãe foi uma mulher sofredora, que passou quase a metade da vida em hospitais, afastada dos filhos, de quem sentia muita falta. Pelo menos seus últimos anos foram mais tranquilos, tendo ela vindo para a casa de um de meus irmãos, onde veio a falecer repentinamente, em 7-12-1971, aos 71 anos de idade. Eu me encontrava ausente, em Roma, cursando o Pontifício Instituto Bíblico. Guardo com carinho as palavras – da sabedoria e piedade popular – que ela, apesar de tudo o que sofreu, escrevera num bilhete: *Deus tem mais para dar do que tem dado.*

Local de nascimento: São Francisco do Sul, ilha, porto, aos 04-12-1930, numa rua frente ao mar, à baía Babitonga. Mudamos de casa mais vezes. Uma delas era bem perto da Matriz de N.Sra. da Graça, aonde eu gostava de ir, ajoelhando-me na ponta do primeiro banco à direita, frente à imagem do Coração de Jesus. Gostava das novenas à noite, do canto das filhas de Maria ao som do harmônio, da voz sonora do vigário, Frei Patrício. E dizem que eu cantava também.



Nome dos irmãos: Somos 6, eu sendo o 4º da escadinha: Hélio Milton Pereira, Jarbas Pedro Pereira, Hércio Ivo Pereira, eu, Ophelia Ivonne Pereira, Jocélia Marília Pereira. Como vê, todos com dois nomes, provavelmente resultado do acerto entre pai e mãe. Eu não gostava do meu nome, de um desconhecido herói militar francês da era napoleônica, o Marechal Ney, até o dia em que descobri que “ney” é a forma dialetal do alemão “neu”, “novo”: então gostei. E o “Brasil”, que as pessoas pensam ser nome de família, é um segundo nome próprio. Acredito que pelo motivo de eu ter nascido no final de 1930, pouco depois da revolução que levou Getúlio Vargas ao poder: papai teria querido com isso, talvez, demonstrar seu patriotismo.

Recordações da vida em S. Francisco do Sul: A escola que freqüentei foi o Colégio “Stella Matutina”, das Irmãs da Divina Providência, onde cursei o primeiro e segundo ano primários, aí alfabetizando-me com a Irmã Bernadeta. Lembro-me dos puxa-puxas gostosos que a Irmã da cozinha fazia e nos vendia. Em casa, muito cedo perdi a companhia da mãe, que, doente, teve de internar-se, pouco depois da sexta gravidez, uma filha. Papai valeu-se da ajuda de uma de suas irmãs, a tia Lulu, para a educação dos seis filhos. Lembro-me que nossa última residência em São Francisco foi o andar térreo do casarão dos Görresen, na “praia do Mota”, junto ao mar. Ali morávamos com essa tia e, se não me engano, os avós paternos. Lembro-me da catequese na Matriz com o Frei Patrício, as “projeções” com figuras da “História Sagrada”, a primeira comunhão com meus 7 anos e meio de idade, as procissões, as novenas... tudo o que era da Igreja me fascinava.

Vinda para Florianópolis. Em agosto de 1939, antes de completar meus 9 anos, papai decidiu mudar-se para a capital. Conseguiu ser nomeado para a mesma repartição federal: a guarda-moria da Alfândega. Veio para dar oportunidade de estudo aos filhos, dos quais o mais velho, Hélio Milton, tinha vindo antes e já estava matriculado no Colégio Catarinense. Viemos, com a mudança, de navio, só o pai e os quatro irmãos: as duas irmãs, ainda muito pequenas, ficaram com a tia. O navio era o transporte melhor e “mais rápido”, naquele tempo: a distância que hoje se perfaz em pouco mais de três horas de carro, naquele tempo foram três dias. Lembro-me da chegada em Florianópolis, nosso navio passando por baixo da ponte Hercílio Luz, para atracar no trapiche da “Rita Maria”.

Da infância em Florianópolis. Moramos primeiro na rua “Uruguai”, hoje “Herrmann Blumenau”, mudando-nos depois para a rua “Joinville”, hoje “Dom Jaime Câmara”. Logo comecei a frequentar a



Catedral, e a participar da catequese de perseverança. Fui matriculado no Grupo Escolar Lauro Muller, onde tive excelentes professoras, entre as quais recordo Dona Emília Boos. Aí completei o curso primário. Aí recebi também meu primeiro prêmio: um livro, “Infâncias Célebres”, doado por um ex-aluno, agora Oficial da Marinha, que desejava premiar o “melhor aluno” do terceiro ano primário. Aí também participei, com entusiasmo, dos ensaios de “canto orfeônico”, ministrados, creio, por Villa Lobos, que naquela época reunia centenas de escolares nas praças, para cantar. Lembro-me do enbevecimento com que via o Maestro, tocando o piano com a mão direita, enquanto com a esquerda nos regia. Dessa época lembro-me também das visitas à Biblioteca Pública, onde me encantei com a leitura da “história maravilhosa de Joana d’Arc”, de Érico Veríssimo. Na Catedral, além da catequese, logo que pude ingressei no grupo dos coroinhas. E minha voz de soprano chamou a atenção do Cura, Mons. Harry Bauer, que pessoalmente começou a ensaiar comigo, no novo Essensfelder do salão paroquial – o mesmo que lá ainda se encontra, ainda em uso – o solo “O Saboiano”. Este solo, cujos ensaios foram depois ultimados pelo organista da Catedral, Giovanni Faraco, foi por mim apresentado em público mais vezes. Nesse meio tempo, as coisas foram-se encaminhando para o Seminário, sonho da infância. Lembro-me que, em 1941, papai levou-me a acompanhá-lo na peregrinação a Azambuja, na festa de agosto. Fiquei encantado com o canto do coro dos seminaristas, que se ouvia nas abóbadas recém-levantadas do novo Santuário, ainda encobrendo as paredes do antigo.

Entrada no Seminário. Desde que me conheço por gente, quis ser padre. Nasci numa paróquia de franciscanos, em São Francisco do Sul, mas nunca me imaginei frade, e sim padre. Em Florianópolis, a participação no grupo dos coroinhas certamente facilitou a ida para o Seminário em Azambuja. Também a “Obra das Vocações Sacerdotais”, que naquele tempo angariava fundos para o Seminário, encarregando-se de pagar a pensão, possibilitou minha matrícula. Papai encarregou-se das outras despesas. Tendo feito um bom curso primário, fui matriculado logo no 1º ano ginásial, não precisando cursar o “preliminar”. Éramos cerca de 40 alunos no primeiro ano, entre os quais, já com seus 20 anos, o Raul de Souza, hoje Padre jubilar. Do mesmo curso, Vito e Bertolino Schlickmann, Gilberto Gonzaga, Antônio Guglielmi. Reitor, na época, o Cônego Bernardo Peters. Prefeito de disciplina, Pe. Afonso Niehues. Regente do Coral, Pe. Luiz Cordioli, que logo descobriu minha boa voz de soprano e me confiava os solos. Mas só no final do 1º ano é que tive a oportunidade de começar a estudar harmônio, com a ajuda do organista



Hercílio Cappeller. Escusado é dizer que o Coral e o harmônio foram minhas atividades prediletas, embora o acesso ao harmônio fosse bastante restrito, pela disciplina de então.

Professores que me marcaram. O Cônego Bernardo Peters tinha excelente método para o ensino do latim e, a seguir, do grego. Pe. Gregório Warmeling, depois Bispo, entusiasmava para o estudo da história e, igualmente, da música. Lembro-me das tardes de sábado, com as audições musicais dos clássicos, na época em discos de vinil, audições comentadas, introduzindo-nos nas sinfonias de Beethoven e no “Tannhäuser” de Wagner. Pe. Wilson Schmidt, depois Bispo, entusiasmava-nos para o teatro, a retórica, o cultivo da escrita. No último ano do Seminário Menor, ainda, outros excelentes professores: Pe. Raulino Reitz, botânico; Mons. José Locks, latinista e helenista; Pe. Afonso Niehues, depois nosso Arcebispo; Pe. Valentim Loch, hoje octogenário, límpido nas suas aulas de álgebra e trigonometria

Espiritualidade, disciplina, esporte, estudos. O Seminário de Azambuja, fundado em 1927, respirava o espírito de Dom Jaime Câmara, seu primeiro Reitor. Era uma instituição séria, disciplinada, de grande vitalidade. Amoldei-me sem dificuldade ao estilo das prescrições detalhadas, das atividades contadas em minutos. Exemplo disso é o horário de cada manhã: levantar às 5.00h nos dormitórios comuns, 15 minutos depois estávamos todos nas salas de estudo para a “leitura espiritual” enquanto se ia aos banheiros, já às 5.30 estávamos na Capela para a oração da manhã em comum e, logo, a “meditação” (durante a qual, claro, vinha o sono), seguindo-se a Missa às 6.00h, ginástica ou solfejo às 6.45, às 7.00h café... e assim por diante, as atividades todas cronometradas. Diariamente se fazia o exame de consciência, se rezava o terço, seguido de leitura da Imitação de Cristo, confissão semanal etc. As festas dos padroeiros, São Luiz, São João Vianney, Santa Teresinha, eram celebradas com fervor, sem falar do clima mariano que se respirava em todo o vale de Azambuja. Lembro-me que li mais vezes, praticamente cada ano, a grossa biografia do “Cura de Ars”, de Francis Trochu, impressionando-me com o espírito de penitência desse Santo. Os meses de maio, junho e outubro, eram marcados pelas novenas, com Bênção do Santíssimo todas as noites. Belo o novenário de visita ao Cemitério, à tardinha, depois do jantar, com cantos folclóricos, alguns a vozes, ecoando no vale após a oração. Quanto aos estudos, eram também marcados pela disciplina: “temas” escritos e provinhas constantes, mesmo diárias. Esportes, no começo eram as corridas nos pátios internos, nos vários



“recreios”, e o futebol no campo em cima da colina. Em 1946 escavou-se o primeiro campo de vôlei, seguindo-se outros depois. Ainda quanto à disciplina, momento semanal esperado eram os avisos e observações do Reitor, cada sábado à noite, com a declaração pública dos “pontos” perdidos em comportamento, civilidade etc.

O que guardo de Azambuja no meu quotidiano atual? – Tendo aí vivido intensamente os seis anos de Seminário Menor, tendo aí feito minha primeira experiência de professor por quase dois anos, aos 20 anos de idade, tendo aí passado os primeiros 14 anos de minha vida presbiteral, é claro que guardo muito, em afeto, gratidão, saudade, desse lugar. Sempre que posso, tenho aí retornado. Para cultivar os laços com o Seminário, fui um dos que criaram a AESA, Associação dos Ex-Alunos do Seminário de Azambuja, em 1974, tendo sempre prestigiado seus Encontros. Compus o “Hino do Seminário”, por ocasião dos festejos jubilares de 1952, na mesma oportunidade também compondo o “Senhora de Azambuja”, hino do Santuário. Redigi, ainda, o primeiro opúsculo que se escreveu sobre a “História de Azambuja”. Mais tarde compus ainda o “Canto dos peregrinos” e, este ano, o “Canto do Centenário”, procurando nele sintetizar a história destes 100 anos desde o Decreto de criação do “Santuário Episcopal de Nossa Senhora de Azambuja” (1905). Apesar de todo esse apego, fica valendo a palavra de Dom Jaime, exatamente sobre Azambuja: “Não se pode ter o coração amarrado a um lugar”. Isto é, quando a vida nos chama para outros lugares, outras frentes de trabalho, é preciso deixar tudo e partir, como Abraão. Exatamente por conta desse apego, estou sentindo o declínio de Azambuja: declínio visível do Seminário, declínio também, parece, do Santuário. Torço, e rezo, para que se reverta esse declínio.

Início nas habilidades musicais. Sem me considerar nada precoce, lembro que, pequeno ainda, em São Francisco do Sul, eu gostava de cantar e gostava de ouvir cantar, especialmente os cantos de Igreja. Lembro-me que, ao passar pelas ruas e ao ouvir alguém tocando piano, nalguma casa, eu sonhava em tocar também. Este sonho só veio a realizar-se no Seminário, quando comecei a aprender harmônio no final do meu primeiro ano em Azambuja, perto dos meus 12 anos de idade, como já disse. Tínhamos uma aula semanal de teoria musical, além dos ensaios do coro e os ensaios de gregoriano. Marcou-me como mestre e regente do coro Pe. Gregório Warmeling, cuja voz poderosa de barítono eu admirava. Lembro-me que um dia, em 1944, pelos meus 13 anos, rascunhando eu uma melodia, um “Juravit”, e anotando que era “minha composição”, Pe.



Gregório viu e observou-me que aquela melodia ele já conhecia havia tempo... Em 1945, devendo eu assumir como organista ainda sem qualificação suficiente, lembro que, num ensaio, Pe. Gregório mandou-me, de repente, tocar em quatro sustenidos uma partitura escrita em três bemóis... Foi um teste difícil, mas que me fez deslanchar. A “primeira” composição, não me lembro. Parece-me que o “Hino da Academia”, que depois tornou-se “Hino do GEMCO”, com letra de Tarcísio Marchiori, é de 1947, meu último ano no Seminário Menor.

Seminário Maior: o que ficou de São Leopoldo? Foram três anos, cursando a Filosofia, em latim, com os jesuítas do então Seminário Maior Imaculada Conceição. Eram duas comunidades lado a lado, a Filosofia e a Teologia, separadas por uma rua, no centro da cidade, perto da margem do rio dos Sinos. Ao todo, cerca de 300 seminaristas, de todas as dioceses do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, com alguns até do Nordeste. Era o “Seminário Central” da época. Na Filosofia éramos perto de 150. Aulas, testes e exames, tudo em latim. Lembro-me do elogio do Pe. Rüppel, professor de Lógica, ao meu exame escrito nessa matéria: *Laudo rem et latinitatem* (“Louvo o conteúdo e o latim”). A disciplina, adaptada aos “filósofos”, e a espiritualidade, eram como em Azambuja. Lembro-me dos “pontos de meditação” dados cada noite, na Capela, pelo “Espiritual”, Pe. Oscar Muller. Bonitos os “serões marianos” no pátio, e espetaculares, musicalmente falando, as Missas solenes nas grandes festas, com grande Coro e órgão. As peças de teatro, as apresentações de Coro e Banda, eram de alto nível. Lembro-me do entusiasmo da celebração da proclamação do dogma da Assunção, em 1º de novembro do ano santo de 1950. Antes, em 1948, a nossa participação no 5º Congresso Eucarístico Nacional em Porto Alegre. Um detalhe interessante: nossa única saída do Seminário durante a semana era a saída recreativa das quintas-feiras à tarde, quando, todos embatinados, atravessávamos a cidade para dirigir-nos à chácara dos Jesuítas, para cerca de duas horas de lazer. Era a ocasião em que nós, catarinenses do litoral, aprendíamos a tomar chimarrão com os gaúchos. Ainda quanto à vida interna, era interessante a organização da “Academia”, com seus vários setores. Lembro-me que candidatei-me, sem sucesso, a Presidente, devendo contentar-me com a condição de Secretário... o que já tinha acontecido, aliás, em Azambuja.

Retorno a Azambuja. Em 1951, com a promessa de cursar a Teologia em Roma, voltei de São Leopoldo para Azambuja, para lecionar. Comigo veio também, nas mesmas condições, o Gilberto Gonzaga. Na época, já se encontravam em Roma, estudando, Osni Rosenbrock, Antônio



Guglielmi, e Osmar Muller, da Arquidiocese. Em Azambuja, foram quase dois anos de intenso trabalho: aulas de línguas, história, e música, além de coordenar o coral (junto com Pe. Valentim Loch), o teatro e outras atividades internas. Em 1952, a preparação e realização dos festejos do Jubileu de Prata do Seminário, festejos que incluíram uma Missa solene a 5 vezes, “em honra de N.Sra. de Azambuja”, que compus para a oportunidade. Ensaiei e apresentamos também a opereta “Sonho Lindo”, com texto do Pe. Tarcísio Marchiori, sintetizando a história do vale. O Jubileu, celebrado em maio, contou com a presença dos ex-alunos ordenados, já em bom número.

Quando e quem foi a Roma comigo. Nossa viagem, por mar, foi em setembro de 1952. Comigo foram, de Santa Catarina, Gilberto Gonzaga, da Arquidiocese, e Leo Orth, de Lages. Viajaram conosco outros seminaristas, de outros Estados, a maioria embarcando no Rio, e alguns, do Nordeste, embarcando em Salvador e no Recife. Após a travessia do Oceano, paradas em Las Palmas (Canárias) e Barcelona, até o desembarque em Nápoles. Daí, em ônibus, até Roma.

O que guarda da Cidade Eterna: o Pio Brasileiro, colegas, Gregoriana, Vaticano, Papa. A oportunidade de cursar a Teologia em Roma foi mais uma dessas graças, privilégios, que recebi em minha vida. Foi de setembro de 1952 até julho de 1956, prolongando-se minha permanência na Europa até outubro. No Pio Brasileiro éramos pouco mais de 100 seminaristas cursando a graduação, uns poucos ordenados fazendo doutoramento. A característica do Pio é a dos outros colégios nacionais que existem em Roma: dentro é Brasil, a língua e costumes pátrios, e fora está-se na capital da Itália, junto ao Vaticano, em ambiente cosmopolita. Dirigido por Jesuítas, o Pio Brasileiro apresentava as características de disciplina e espiritualidade que vigoravam, por exemplo, em São Leopoldo. Assim, os “pontos de meditação” à noite, as conferências espirituais, a direção espiritual etc. Naquela época a capela interna era relativamente acanhada, ocupando um dos andares do prédio. Mas a liturgia em latim, por exemplo, na noite de Natal, com Matinas antes da Missa da meia noite e Laudes depois, tudo cantado em latim, era uma beleza! Isto, sem falar da possibilidade de participar das cerimônias na basílica de São Pedro ou em outras basílicas. Quanto aos colegas, além dos do Pio Brasileiro, de vários Estados do país, fazíamos amizade com colegas de outros países, inclusive com o intuito interesseiro de treinar na língua deles. Assim foi que me encontrava regularmente com dois colegas americanos, um inglês, um irlandês, e dois franceses, com os quais



mantenho correspondência anual até hoje. Da Gregoriana, a lembrança de uma universidade cosmopolita, com aquela sede solene, as aulas ministradas em estilo conferência, em grandes auditórios, professores lendo e/ou comentando suas teses em latim, um latim às vezes afrancesado, espanholado, americanizado, conforme o professor. Deles, deixou-me a melhor lembrança o professor de História da Igreja Antiga, Hertling, um alemão que sabia esculpir, com traços indeléveis, as figuras dos grandes vultos do passado. No Vaticano, atraía-me a Basílica, especialmente no dia de São Pedro. Ficava horas absorvendo aquele ambiente, e gostava de ajoelhar-me junto ao altar da Confissão, para recitar o Credo apostólico. O Papa na época, Pio XII, hierático nas suas aparições em público, dando a bênção com os braços amplamente levantados, era uma das três devoções brancas dos católicos: a Hóstia, Maria, o Papa.

Roma ajudou-o na música? Não muito, porque a atenção estava voltada para a Teologia e nosso horário, na época, não permitia sair para Concertos, muito menos à Ópera. Mas continuei atuando como organista e lembro-me de que, nas Ordenações, compunha trios a vozes iguais que cantava com Narbal Stencil, do Rio, Tenor, e Olavo Moesch, gaúcho, Barítono. Cantávamos muito gregoriano. Lembro-me que participei com entusiasmo, certa vez, de um Congresso de Meninos Cantores, cantando com eles na Basílica de São Pedro, sob a regência de Mons. Maillat. Era fantástico cantar aquele repertório de Bach, Haendel, Josquin des Prés, Perosi, sob as arcadas e a cúpula da Basílica!

Seu aprendizado de línguas diversas, deve-se a quê? Fundamentalmente, ao Seminário Menor. Naquele tempo, terminávamos o Seminário Menor com excelente conhecimento do latim, que era uma disciplina diária, durante seis anos (!), bom conhecimento do grego, que nos habilitava à leitura do texto do Novo Testamento, bom conhecimento do francês, que nos habilitava à leitura e à escrita nessa língua, além de boa introdução ao inglês e ao italiano, e uma rápida introdução ao alemão. Quanto a esta língua, ela antes fazia parte do currículo, tendo sido supressa em 1942, ano em que o Brasil entrou na guerra, ano também do meu ingresso no Seminário. Vindo para a Europa, foi normal o aperfeiçoamento no italiano, no inglês e francês e, depois, no alemão. Nesta língua, consegui certa habilitação para a leitura, tendo dificuldade na escrita e na conversação. Quanto ao hebraico, foi aprendido com muito esforço no período em que cursei o Instituto Bíblico. Ainda quanto às línguas, muito me ajudou o fato de tê-las ensinado nos anos em que fui professor em Azambuja. E quanto ao inglês, evidentemente ajudou-me o período que passei nos Estados Unidos, entre 1962 e 63.



Datas de ordens menores, ordens maiores, quantos ordenados juntos, quantos perseveraram no ministério. Antes ainda das “ordens menores”, grande importância dava-se, na época, à vestição da batina. Era a cerimônia que coroava o Seminário Menor, e era preparada como se fosse uma ordenação, com retiro espiritual de três dias e tudo! A partir daí o seminarista, eu com meus 17 aninhos, começava a usar a batina de manhã à noite, em casa ou na rua, no trabalho e na viagem... por toda parte! Quanto à Tonsura, que era a admissão ao estado clerical, lembro-me que a recebi em São Pedro de Alcântara, aos 28-1-1851, das mãos de Dom Joaquim, o Arcebispo de então. As ordens menores foram recebidas em Roma, nos dois primeiros anos de Teologia: Ostiariato, Leitorato, Exorcistato, Acolitato. O subdiaconato, no fim do terceiro ano de Teologia, no dia 10-7-1955, era a primeira “ordem maior”, marcada pelo voto do celibato; o diaconato, no início do quarto ano de Teologia, em 30-10-1955; enfim, o presbiterato, no início do segundo semestre do quarto ano de Teologia, em 25-2-1956. A ordenação presbiteral foi na Basílica de São Paulo fora dos muros, numa fria manhã de inverno e de neve, presidindo-a o Cardeal Aloisi Masella, ex-núncio apostólico no Brasil. Foi uma ordenação coletiva, sem a presença dos familiares, que estavam no Brasil. Além dos que receberam outras ordens, menores e maiores, éramos 21 os novos presbíteros. Desses, 4 eram de Santa Catarina: Pe. Gilberto Luiz Gonzaga, Pe. Osmar Pedro Muller, e eu, da Arquidiocese, e Pe. Leo Nicolau Orth, da diocese de Lages. Dos quatro, dois deixaram o ministério, no início da década de 70 (Pe. Gilberto e Pe. Leo), e um faleceu, creio que em 1986, retornando da missão na Nicarágua (Pe. Osmar).

O que significava, naquele tempo, ser padre? Quais os ideais acalentados? A teologia, naturalmente, era a dos concílios Tridentino e Vaticano I, embora naquela fase borbulhante que eclodiu no Vaticano II. Havia, nos seminários, muito fervor, muita piedade, muita disciplina, muita centralização no ideal de ser padre, no privilégio e na honra de celebrar a Eucaristia. O ideal do Padre era a figura de São João Vianney, o Cura de Ars, um pároco humilde totalmente dedicado aos sacramentos: a Missa, a devoção ao Santíssimo, o confessionário, a pregação e a catequese. Havia livros de espiritualidade que cultivavam esse ideal, como “O guia do seminarista e do jovem padre”, do autor francês, jesuíta, Raoul Plus, um livro que desapareceu do mercado mas que, com algumas adaptações, seria ainda utilíssimo. Lembro-me que, para as ordenações, meditávamos os textos do Ritual, em edições comentadas. Típica foi a conferência, em inglês, do famoso pregador americano Fulton Sheen, mais



tarde bispo, no Colégio da Propaganda Fide, falando de forma arrebatadora sobre Cristo, “Sacerdote e Vítima”, ideal do padre. Igualmente, Monsenhor Cardijn, fundador da JOC, a juventude operária católica, falando em francês na Gregoriana, e motivando para o envolvimento do padre com os leigos, suscitando a santidade entre eles. Naquele tempo vivia-se na Itália o “movimento por um mundo melhor”, do jesuíta Riccardo Lombardi, com grande acento na repercussão social do Evangelho e do sacerdócio.

Relacionamento epistolar com Dom Joaquim. Mesmo sem entrar em detalhes, lembro que era um relacionamento muito respeitoso, e Dom Joaquim respondia com afeto paterno. Dom Joaquim foi daqueles bispos que marcaram a primeira metade do século XX: cioso da sua autoridade, ele se impunha pela dignidade com que revestia seus gestos. Os padres da época eram formados na obediência, a qual se manifestava nos momentos de transferência e, mesmo, nas datas das ordenações, comunicadas tantas vezes por correspondência, sem muito diálogo. Dom Joaquim, aliás, sagrado bispo muito jovem, veio para Florianópolis em 1914, aqui tornando-se Arcebispo em 1927, e aqui falecendo como Arcebispo Metropolitano em 1967, após 53 anos de episcopado, todo passado aqui. Dois anos antes, em 1965, ele entregara a administração da Arquidiocese a Dom Afonso Niehues, a quem ele tinha ordenado presbítero em 1938. Um detalhe interessante me aproximava de Dom Joaquim: nossa data de aniversário era a mesma, 4 de dezembro. Lembro-me de que, na carta a ele pouco antes de minha ordenação, comprometia-me a ser, como dizia o Ritual, um dos *cooperatores Ordinis nostri*...

Retorno ao Brasil: quando? qual o primeiro ministério exercido? Retornei ao Brasil quatro anos e um mês após minha ida à Europa. Foi em outubro de 1956, viajando de navio como na ida, e desembarcando no Rio de Janeiro. No exame final “de Universa”, prestado em junho na Gregoriana, não me saí tão brilhantemente assim: fui aprovado “cum Laude”, isto é, com média 8, quando no primeiro ano da Teologia a aprovação fora praticamente “summa cum Laude”, isto é, com média 10. O exame final, oral, eram não sei quantas teses em latim sobre toda a Teologia, exame realmente exigente, que não consegui preparar a contento, creio que por dois fatores: o cansaço e, também, certamente, alguma falta de método. Em todo caso fui aprovado para o grau de “Licenciado”, equivalente ao de “Mestre”, o que nem todos os colegas conseguiram. Após o exame, tive a permissão de Dom Joaquim de viajar três meses pela Europa. Como tinha pouco dinheiro, fiz quase toda a viagem pedindo



carona: paguei a passagem de trem até Viena e, depois, com a cara e a coragem, meti-me na estrada, vestindo o “clergyman”. Percorri a Áustria, sul da Alemanha, Suíça, entrei na França por Genebra, depois Grenoble, Ars, e fui até Marselha, onde incorporei-me à peregrinação dos universitários católicos de Paris até a Terra Santa. Esta peregrinação foi paga, naturalmente. Fomos de navio, de Marselha até Beirut, retornando pelos mesmos portos. Depois, novamente de carona pelo sul da França, até Lourdes, depois Bordeaux, vários pontos da França, sul da Inglaterra, depois Bélgica, Holanda, novamente Alemanha, entrando por Münster, Köln, descendo para a Suíça, norte da Itália, para só então pagar a viagem de trem de Milão a Roma. Foi uma aventura, graças a Deus bem sucedida, pedindo carona sozinho... mas foi a maneira que achei para realizar o sonho de conhecer um pouco dos países mencionados. Retornando a Florianópolis em outubro, celebrei minha primeira Missa na Catedral no dia 4 de novembro, e no dia 11 do mesmo mês foi a “primeira Missa” na terra natal, São Francisco do Sul. Papai acompanhava-me, visivelmente satisfeito, nessas primeiras atividades. Minha primeira designação pastoral foi a de coadjutor da paróquia da Trindade, que naquele tempo abrangia toda a Ilha. Lembro-me de que, numa das primeiras “missões”, creio que na Costa da Lagoa, batizei, num domingo, 44 crianças, tanto tempo fazia que não aparecia padre por lá. As locomoções pela Ilha, naquele tempo, eram penosas: más estradas, escassos meios de transporte... Isto por três meses, de novembro a janeiro, até minha designação para Azambuja, como professor no Seminário Menor, em inícios de fevereiro de 1957.

Padre em Azambuja: Dom Afonso, Mons. Valentim, Pe. Vito. Qual a imagem de cada período? Mais marcante para mim, padre novo, foi a reitoria e liderança de Dom Afonso, Pe. Afonso Niehues, que logo, em inícios de 1959, foi nomeado bispo. Era o terceiro dos primeiros ex-alunos de Azambuja chamados ao episcopado: antes dele, Dom Gregório Warmeling, eleito bispo de Joinville em 1957, e Dom Wilson Laus Schmidt, eleito bispo-auxiliar do Rio de Janeiro também em 1957. Dom Afonso era um “gentleman”: educadíssimo, grande capacidade de escutar, liderança firme sem estardalhaços. Mons. Valentim, formado na mesma escola, conseguiu manter o ritmo que Dom Afonso imprimira a Azambuja, exercendo a reitoria na década mais brilhante do Seminário, a década de 60. Foi um período em que o Seminário contava com quase 200 alunos e um corpo docente de uns 10 padres, e ocupava integralmente as vastas instalações do novo edifício, inaugurado oficialmente em 1964, por ocasião dos festejos do áureo jubileu episcopal de Dom Joaquim. Ainda sobre Mons. Valentim, agora velhinho, com 84 anos de idade e prestes a



completar seus 60 anos de vida presbiteral, lembro-me da prontidão e discrição com que atendia às confissões do povo no Santuário e aos mais diversos chamados: sempre pronto e discreto. Da reitoria do Pe. Vito, hoje Dom Vito, não tenho informações, pois coincidiu com a minha saída definitiva de Azambuja em 1970.

Quais os trabalhos em Azambuja, disciplinas que lecionou.
Dediquei-me integralmente, de corpo e alma, às minhas tarefas de professor, regente do coral e diretor de teatro dos seminaristas. As disciplinas foram as mesmas que no primeiro período em Azambuja (1951-52): línguas, especialmente português, latim, grego e francês; história: antiga, medieval, moderna, contemporânea; e música, quer teórica, quer prática, vocal e instrumental. Fui sempre detalhista nas disciplinas que lectionei: muitas datas nas aulas de história; muitos testes, diários, muitos “temas” escritos, todos corrigidos. Para o coral e, quando ocorria, para os instrumentos musicais, muitas partituras escritas e copiadas, às vezes, uma por uma – horas e horas de trabalho, até alta noite – naquele tempo em que não havia xerox, e a reprodução policopiada primeiro era sobre gelatina, depois a álcool, depois a mimeógrafo... Quantos ensaios particulares e coletivos de instrumentos musicais, quantos ensaios particulares e coletivos de teatro e declamação! Assim, eu praticamente não exercia atividade pastoral fora, dedicando-me totalmente ao Seminário. A partir de certo momento, não me recordo o ano, uma vez que não havia mais seminaristas sopranos, pelo fato de que entravam em Azambuja após cursarem o “preliminar” e/ou o primeiro ano em Antônio Carlos, comecei a trabalhar musicalmente com os meninos da vizinhança. Isto significava um ensaio diário, à tarde, só com eles, para a vocalização e musicalização, além do contacto direto com suas famílias, para onde me dirigia com minha bicicleta. Esses “meninos cantores”, de 10 a 15, realmente deram conta do recado de cantar, no coral dos seminaristas, partituras de média dificuldade. Outra atividade externa que me envolveu no penúltimo ano em Azambuja, embora não me recorde bem dos detalhes, foram grupos ou um grupo de alfabetização de adultos.

O Brasília Pereira. Era o pseudônimo com que eu assinava crônicas semanais, publicadas geralmente na primeira página do jornal da cidade, “O Município”. Foram vários anos de presença constante, creio que apreciada, pois o Diretor do Jornal, Jaime Mendes, fazia questão de esperar por minha colaboração que eu levava em mãos, o texto dactilografado em cima da hora. Fazia-o com prazer, embora com dificuldade. Em tudo o que tenho escrito, o texto não me flui com a facilidade que eu desejaria,



tomando-me tempo e esforço dobrado. Lembro-me de que, mais de uma vez, fui alertado, também por meus familiares, sobre o tom possivelmente “subversivo” de minhas crônicas, naqueles tempos do AI-5, no final da década de 60. Até que seria interessante recolher e publicar algumas delas, como retrato de uma época.

Como sentiu as mudanças conciliares? Absorvendo-as gota a gota, naquele mutirão de *aggiornamento* vivido pela Igreja nos anos imediatamente posteriores ao Concílio. É preciso não esquecer, porém, que o Vaticano II, com todo o fator-surpresa representado pela sua convocação por João XXIII, não foi um fruto surgido de repente: houve toda uma sementeira, cultivo, floração, amadurecimento, ocorridos na primeira metade do século XX. Entretanto, lembro-me do empolgação dos 10 dias de curso sobre os documentos conciliares realizado pelo nosso clero, como deve ter ocorrido em todo o Brasil, com a assessoria do Pe. Ivo Lorscheiter, depois bispo, secretário e presidente da CNBB. Não me lembro mais como foi a mudança do latim para o português. Tenho a impressão de que foi muito rápida, a Comissão de Liturgia da CNBB atuando de maneira eficiente, sob a liderança de Dom Clemente Isnard. Rapidamente também mudou-se a indumentária clerical: da batina preta, que usei desde meus 17 anos, ao concluir o Seminário Menor, passando um pouco pela batina cinza, passou-se logo para os trajes civis. Um exemplo da mudança teológica e eclesiológica foi a estranheza que senti ao ouvir pela primeira vez Dom Afonso falar em “nossa” Igreja, referindo-se à Igreja Católica, quando até então só existia para mim, para nós, católicos, “a” Igreja! Em resumo, não tive dificuldade em aceitar e assimilar as mudanças, embora sem renunciar, é claro, ao meu lastro pessoal.

A experiência nos EE.UU., curso, universidade, impressões. Tendo bebido da fonte de uma especialização no Exterior, ficou o gostinho para aproveitar uma nova oportunidade. E esta veio em 1961, quando fui informado de que o Governo americano estava oferecendo Bolsas da “Fulbright Foundation” para latino-americanos com menos de 35 anos, que, tendo proficiência em inglês, se candidatassem para uma especialização: era uma bolsa integral, com passagem, curso, estadia, por um ano, podendo ser prorrogada. Em Azambuja, Pe. Raulino Reitz, botânico de renome internacional, havia ganhado uma bolsa assim e incentivou-me. Pensei em especializar-me em música, uma das minhas principais atividades no Seminário, uma vez que minha formação nesse campo era praticamente a de autodidata. Com a permissão do Arcebispo,



Dom Joaquim, e a colaboração dos colegas de magistério em Azambuja, candidatei-me, e recebi a Bolsa. Meu pai estava com câncer, mas incentivou-me. Parti, então, para os EE.UU., em inícios de agosto de 1962, devendo participar, durante um mês, de um “curso de orientação” para os bolsistas estrangeiros, na Universidade do Texas, em Austin. Foi minha primeira viagem de avião, e o primeiro contacto com a vida americana. Do Texas, dirigi-me a Pittsburgh, na Pensilvânia, onde eu fora matriculado na Faculdade de Música da Universidade de Duquesne. Minha residência foi numa paróquia de bairro, onde fui aceito como coadjutor de um pároco que já tinha dois coadjutores. Celebrava diariamente, naquela época em latim, atendia confissões em dois horários pela manhã e à tarde de sábado, e devia fazer o sermão – naturalmente preparado por escrito, em inglês – em uma das missas de domingo. Na Faculdade, impressionou-me a competência, dedicação, seriedade dos professores. Com a aprovação do Decano, fiz todos os cursos da graduação e da pós-graduação que pude fazer em dois semestres, pois tal era o tempo que me fora concedido pela Arquidiocese. Cursos de: harmonia, contraponto, composição, arranjo orquestral, regência coral, impostação vocal, história da música nos vários períodos, estudo prático de cada grupo dos instrumentos da orquestra (cordas, sopros, metais, percussão), piano, órgão... Foram dois semestres intensos, além dos concertos e óperas que pude assistir, tanto em Pittsburgh como em Nova York. Impressionou-me a vitalidade do cultivo da música em todos os setores da vida americana. No meu caso, procurei assimilar tudo aquilo em vista de um melhor trabalho na minha volta ao Brasil, em Azambuja. Por coincidência, na minha volta ao Brasil surgiu de repente, por causa da abertura da Liturgia ao vernáculo, a necessidade de criar todo um novo repertório litúrgico pastoral e coral, e nisso empenhei-me de corpo e alma, entre 1963 e 1970. Entre tantas outras impressões dos Estados Unidos, guardo o entusiasmo com que foi recebido, no Auditório de Duquesne, o então jovem teólogo suíço Hans Küng, um dos peritos do Concílio, que ali e em outras universidades católicas americanas falou sobre “a liberdade na Igreja”, *Freedom in the Church...*

Retorno a Roma em 1970-73. Por que estudar Exegese? Pelo final da década de 70 tornava-se cada vez mais claro que Santa Catarina precisava ter o seu Instituto Teológico, formando aqui mesmo o seu clero. Era preciso, portanto, preparar professores. Foi então cogitado meu nome para a Exegese, uma vez que não tínhamos ninguém formado nessa área. Era, aliás, meu antigo sonho: ao terminar a Licença em Teologia, em 1956, eu desejara continuar em Roma cursando o Instituto Bíblico, que



naquele tempo, com o grego que eu já conhecia, me possibilitaria o Mestrado em dois anos. Surgindo agora a oportunidade, ficou para trás o meu apego a Azambuja, e aceitei o desafio de começar esta nova especialização aos 40 anos de idade. Agarrei a oportunidade com as duas mãos, pelo fato de a Exegese, melhor dizendo, a Bíblia, ser “a alma da Teologia”. Dois obstáculos deviam ser superados: primeiro, o hebraico, cujo aprendizado é realmente difícil e exige muita dedicação e esforço diário, de meses e anos a fio; depois, meu conhecimento das questões introdutórias à Exegese, ao começar o curso no Bíblico, era muito limitado, pelo fato de em Azambuja eu ter-me dedicado totalmente à música e às outras disciplinas e atividades do Seminário Menor, praticamente sem contacto com a ebulição da Teologia e da própria Exegese no imediato pós-Concílio. Lembro-me de um telegrama do Pe. Antônio Guglielmi, exegeta e arqueólogo, ex-colega de curso, cumprimentando-me pela matrícula no Pontifício Instituto Bíblico e fazendo-me votos para que eu voltasse “menos conservador”...

Que lembranças guarda deste novo período romano? Foram pouco menos de três anos (setembro de 1970 a julho de 1973) de estudo intenso, no ambiente propício do Pio Brasileiro, agora não mais seminarístico como na década de 50, mas com a maioria dos alunos, já padres, em cursos de mestrado e doutorado, com poucas atividades comuns. Cada um dispunha do seu horário, para o estudo e a espiritualidade pessoal. Lembro-me dos sábados e domingos passados em cima dos livros, no hebraico e/ou nas monografias. Fiz duas delas, uma como exigência do curso, com De la Potterie (exegese de Mt 5,6) e outra como forma alternativa de exame final, com Alonso-Schökel (análise do Salmo 105). Nesse período, procurei passar as férias de Natal e Páscoa na Alemanha, em Münster, onde, além de aperfeiçoar meu alemão, necessário para entender pelo menos os títulos e sínteses da imensa literatura exegética nessa língua, eu gostava do ambiente litúrgico do provincialado das Irmãs da Divina Providência (Friedrichsburg) e da Catedral, o “Dom”. Fiz também um curso de férias do Goethe Institut, em Kassel. Nas férias de verão de 1972 fiz uma longa viagem pela Grécia, Turquia e Israel, com um professor do Instituto Bíblico, permanecendo depois mais um mês em Jerusalém, na casa dos Padres de Sion. Em julho de 1973, antes de retornar ao Brasil, estive ainda no Egito e no Sinai. Em Roma, procurei acompanhar a temporada da Ópera e dos concertos sinfônicos da Academia de Santa Cecília, para não perder o contacto com a música. Graças a Deus, terminei com sucesso o mestrado no Bíblico, “magna cum Laude”.



Retorno ao Brasil: ITESC e Coral da Catedral, residência com Dom Afonso. Retornando ao Brasil em fins de julho, o ITESC já era uma realidade, fundado que fora em 10 de janeiro, e tendo sido iniciado o primeiro semestre em março, sob a direção do Pe. Paulo Bratti. Hospedei-me “provisoriamente” na residência episcopal, com Dom Afonso, mas o “provisório” continuou por seis anos, até 1979. Foi um privilégio residir com ele, concelebrar com ele, fazer as refeições com ele, sempre afável, discreto, acessível. Além das aulas de Introdução à Bíblia, no curso do ITESC, dei aulas também no curso de teologia para leigos à noite. Lembrome de que me custava muito a preparação dessas aulas: tinha grande dificuldade em “trocar em miúdos” o grande cabedal adquirido no Instituto Bíblico. Mas perseverei, e fui levando a tarefa em frente. Já em setembro, menos de dois meses após a chegada, veio o convite para assumir a regência do Coral Santa Cecília da Catedral, cujos veteranos eu já conhecia de outros tempos. O Coral tinha quase acabado, mas o seminarista Raul Kestring conseguiu reunir bom grupo de antigos e novos cantores e, quando cheguei, foi só começar a ensaiar a “Missa de Gruber” e o grupo se reafirmou. Dali em diante, é uma história que já dura 32 anos.

Como percebeu os inícios do ITESC? Percebi-os como uma obra de Deus, bem começada graças à persistência de Dom Afonso, liderando o episcopado catarinense, e graças à capacidade e ao bom preparo teológico do Pe. Paulo Bratti, seu primeiro Diretor e Reitor. Foi um começo modesto, humilde, mas que evoluiu com segurança, apesar da oposição de setores do Regional, que tinham imaginado um Instituto em outros moldes, segundo o método da “Criatividade Comunitária”. Internamente, porém, nas aulas, não se notava essa dificuldade. Crescendo o número de alunos, foram surgindo outras residências, além do “Convívio Emaús”, que naquela época acolhia só uma dezena de seminaristas. Em 1975 construiu-se o prédio que hoje abriga o Regional Sul IV, com capacidade para 25 seminaristas. Nova residência pequena, para 10 seminaristas, no ano seguinte. E finalmente, em 1979, ano da Conferência de Puebla, inaugurava-se o edifício central, para 40 seminaristas e 4 padres assistentes. A partir desse ano deixei a residência do Arcebispo e vim partilhar a vida dos seminaristas, residindo no novo prédio. Primeiro como apenas “residente”, mas, logo, como assistente dos 10 que residiam na mesma ala.

Poderia periodizar sua vida no ITESC? Os três períodos poderiam ser estes: 1) até 1979, quando meu contacto com os seminaristas era apenas durante as aulas na UFSC; 2) de 1979 até 1992, quando convivia



com seminaristas de várias dioceses no prédio central, continuando as aulas na Universidade; 3) finalmente, de 1992 até hoje, quando o contacto com os seminaristas passou a ser novamente só durante as aulas, agora dadas na sede do ITESC, tendo os seminaristas passado a residir em casas diocesanas. O período mais sofrido, mas por isso mesmo não menos interessante, foi o segundo, quando participei da vida interna, dos problemas, das inquietações, de uma comunidade ao mesmo tempo seminarística e acadêmica. Certas reuniões comunitárias eram pesadas... mas tudo passou, as dificuldades foram superadas, bons padres se formaram naqueles anos. Pessoalmente, senti demais o falecimento prematuro do Pe. Paulo Bratti, em 15 de maio de 1982, aos 46 anos de idade incompletos, e cuja memória guardo com carinho. Aquele segundo período coincidiu, no país, com a passagem da ditadura para a democracia e, na América Latina, com o florescimento da Teologia da Libertação, com seu forte e necessário apelo social. Nos últimos anos o ITESC tem-se firmado como instituição acadêmica de prestígio, havendo uma certa tranqüilidade no corpo discente, tranqüilidade que espero não seja acomodação.

Como definiria o protótipo de seminarista: quando entrou no Seminário, como padre, como professor no ITESC? Por um lado, hoje como ontem, hoje como em 1942, o seminarista entra no Seminário porque se sente vocacionado para ser padre e, por isso, deve autoanalisar-se e, ajudado pelos formadores, deve discernir se é este o caminho que deve seguir. Por outro lado, houve enormes mudanças na Igreja e no mundo, ao longo destes mais de 60 anos. Apesar de tudo, o seminarista de hoje, como o de ontem, deve levar a sério todas as dimensões da sua formação, deve aproveitar o tempo, deve rezar muito, evitar absolutamente a preguiça e a acomodação, correspondendo, por uma dedicação intensa, ao privilégio da bolsa praticamente integral que recebe, de cama e mesa etc. Pessoalmente, apesar de outros pensarem que seria bom para o seminarista trabalhar, batendo o ponto, mesmo durante a teologia, para sentir na carne a dureza da vida, penso que, se ele dedicar-se integralmente como falei acima, então o seu trabalho “batendo o ponto”, a sua “dureza” é exatamente essa dedicação integral ao estudo e à formação. Costumo perguntar, no curso sobre os profetas, qual é o “lugar social” deles, os profetas, e qual é o nosso, o meu “lugar social”. E respondo, para surpresa da turma, que o nosso lugar social, sociologicamente falando, pelo ambiente em que vivemos, é o da classe média ou, para falar mais claro, o da burguesia. E o único jeito de “redimir” esse lugar social é uma vida sóbria, disciplinada, e uma constante lembrança, efetiva, dos pobres. Aqui



um detalhe: por mais que me tenham aconselhado, sugerido, insistido comigo, não consigo trocar meu “fusca” por um carro melhor. Acho que também o nosso estilo de vida deve ser e parecer modesto, o mais simples possível.

Sua ligação com as Irmãs da Divina Providência. É uma ligação que começou com o curso primário, com as Irmãs do Colégio Stella Matutina, em São Francisco do Sul. Lembro-me que papai, que costumava dizer-me que a vida de padre “é de sacrifício”, sempre se referia às Irmãs como “Irmãs de Caridade”. Em Azambuja voltou a estabelecer-se essa ligação, sendo numerosas as Irmãs trabalhando no Hospital, Seminário, Asilo, Santuário. Lembro-me que, em 1956, padre novo, andando de carona pela Alemanha, fui recebido com carinho por Madre Egídia, em Münster, carinho que se repetiu mais tarde, da parte de Madre Dorotéia. Desde fevereiro de 1974 tenho sido o “capelão” do Provincialado, tendo ao longo desses quase 32 anos celebrado quase diariamente com as Irmãs. Acompanhei, embora com discrição, a crise que se estabeleceu entre elas em meados da década de 70, quando houve intervenção de um Visitador Apostólico e certo número de Irmãs desligou-se da Congregação, inserindo-se nos meios populares e formando a “Fraternidade Esperança”. Percebo, e as Irmãs percebem também, que a Congregação, como outras Congregações tradicionais, também masculinas, estão envelhecendo, e as vocações diminuindo. Como ler este “sinal do tempo”? Lembro-me de uma conversa, bastante tempo atrás, com Irmã Cléa, quando, falando já sobre o assunto, comentávamos as novas formas de consagração que estão acontecendo, surgindo, no meio do mundo...

Pastoral Carcerária: desde quando, quais seus sentimentos, o caso do seqüestro etc. Como expliquei num artigo na revista do ITESC (*Encontros Teológicos* n. 7 [1989/2], pp. 10-15), meu chamado à Pastoral Carcerária veio inesperadamente. Tenho na lembrança que papai, em São Francisco do Sul, visitava os presos na cadeia. Em Brusque, nos 14 anos que lecionei em Azambuja, lembro-me de ter várias vezes passado pela cadeia local, sem deixar-me tocar pelo pensamento de que poderia visitá-la. Em Florianópolis, em fevereiro de 1974, de repente, recebo a visita de Irmã Maria Uliano, da Divina Providência, e do então Juiz da vara de Execução Penal, Dr. Ernani Palma Ribeiro, que vieram convidar-me para assumir a “capelania”, como então se dizia, da Penitenciária. Como eu tinha disponibilidade de tempo, residindo no Arcebispado, aceitei a missão, oficializada por Dom Afonso com uma provisão. E aí começou esse “caso de amor”, que dura até hoje e durará enquanto eu tiver vida e saúde. Na



época, o trabalho era relativamente fácil: quase não havia grades e algemas, e os presos vinham numerosos às Capelas. Digo “capelas”, porque havia duas: uma dentro da Penitenciária, desativada este ano, e outra anexa ao Presídio Masculino, fechada ao Presídio em 1986 mas ainda servindo aos presos internos do Hospital de Custódia, ex-Manicômio Judiciário. Esta Capela do Presídio foi construída pela iniciativa e o empenho da já citada Irmã Maria, que batia a todas as portas conseguindo fundos. Visitávamos também, cada domingo à tarde, a Colônia Penal, então em Canasvieiras. Três vezes ao ano havia missas especiais, com a presença do Arcebispo Dom Afonso: Natal, Páscoa, e 1º de agosto, que era o “Dia do Presidiário”. Dias antes do Natal e Páscoa, confissões, precedidas de palestra por algum padre convidado. Pouco a pouco foi-se organizando uma equipe de voluntários, que constituiu a Pastoral Carcerária, uma das “pastorais sociais” da CNBB. Sinto que poderíamos, deveríamos, fazer muito mais do que fazemos, ao menos para cumprir a palavra do Senhor: *Eu estava preso, e vocês vieram visitar-me* (Mt 25,36). Porque não se trata apenas dos presos, mas também dos egressos, tantas vezes reincidentes, e também de suas famílias, e também dos agentes penitenciários e técnicos do Sistema, da polícia civil, de toda a questão da violência e criminalidade, das drogas e do tráfico... enfim, é um campo de trabalho imenso que está aí, desafiando a Igreja. Quanto ao episódio do seqüestro, que ocorreu na véspera do Natal de 2000, o ano do Grande Jubileu, graças a Deus não deixou seqüelas. Durou relativamente pouco, das 8.30 às 14.30h, e às 18.00h eu já estava presidindo à Missa na Capela São João e, depois, às 21.00h, dirigi normalmente a Missa e os cantos natalinos do Coral da Catedral. Sem pretender dar uma de herói, respondi naturalmente ao repórter que me perguntava, após o seqüestro, se eu ia continuar: “Apesar do susto, continuarei!”

Música Sacra: como foi o trabalho de regente e compositor antes e depois do Concílio, também a nível nacional? Quais os desafios? Antes do Concílio, mesmo havendo espaço para novas composições, a maior parte do repertório era fixo, em latim. Por exemplo, em cada missa solene, mesmo cantada pelo coral, era obrigatório cantar em gregoriano as antífonas de entrada, ofertório e comunhão, além do “gradual”, que equivalia ao salmo responsorial de hoje. No Seminário, boa parte do tempo de ensaios era dedicado ao canto gregoriano, cujas partes mais difíceis ficavam para uma “Schola”, ou seja, um grupo seleta. Após o Concílio, houve a mudança radical da passagem do latim para o português, com a preocupação da participação da assembléia no canto, o chamado “canto pastoral”. Lembro-me de que, no imediato pós-concílio,



aqui em Florianópolis tivemos a atividade do maestro José Acácio Santana, aliás meu ex-aluno em Azambuja, que compôs, além de para corais, toda uma coleção de “canto pastoral” de fácil aprendizado. Eu, sendo regente de coral em Seminário, concentrei-me no canto coral, compondo Missas corais para quase todas as festas do ano, além de um grande “Ordinário”, a Missa “Mãe da Igreja”, para coral e canto da assembléia. Lembro-me que, em janeiro de 1965, a convite do Cônego Amaro Cavalcanti, que então coordenava a comissão de Liturgia e Música Sacra, da CNBB, colaborei com a composição da Semana Santa em português, gravada imediatamente em LP, no Rio de Janeiro. Desde então participei regularmente dos cursos de canto pastoral promovidos pelo Cônego Amaro no Rio de Janeiro, em julho (curso que continua até hoje), e pelo Pe. Luís Marques Barbosa, em São Paulo, em janeiro. Aqui em Florianópolis tenho participado, com minhas composições, do curso de canto pastoral do Regional Sul IV, que começou em 1989 por iniciativa do Pe. Elias Della Giustina. Atualmente faço parte de um grupo de reflexão sobre Música Litúrgica, ligado à CNBB, com três reuniões anuais. Quanto aos desafios, vejo o de conciliar a beleza e a dignidade do canto litúrgico com a facilidade com que hoje se compõe e se executa qualquer coisa. De um lado, é sinal de florescimento e criatividade. De outro lado, é sinal também de superficialidade. Quanto aos corais e o órgão, duas das marcas registradas da música sacra tradicional, para não falar do canto gregoriano, estão de certo modo em extinção, por vários motivos, que valeria a pena analisar. Na Catedral de Florianópolis, que possui um excelente órgão alemão, e também um coral que ainda canta semanalmente, numa das missas aos domingos, estou ainda mantendo as “duas marcas registradas”... Mas até quando? Um sintoma: por incrível que pareça, ao contrário do que se fez na Missa com o Papa, em 1991, os corais parecem ter sido excluídos das grandes celebrações do próximo XV Congresso Eucarístico Nacional. Por quê? Não seria uma oportunidade excelente para se realizar a integração coral/ povo, através de arranjos previamente compostos para a oportunidade?

*Tem idéia de quantas composições escreveu? Qual sua composição predileta? Quantos artigos, livros? Realmente não sei quantas composições. Tempos atrás, um maestro amigo dispôs-se a fazer um levantamento, mas transferiu-se daqui e o trabalho ficou incompleto. De minha parte, não tenho ainda tido tempo de pelo menos recolher em pastas separadas, em ordem cronológica, e distinguindo as composições corais e as de canto uníssono, as litúrgicas e outras, poucas, não litúrgicas. Composições prediletas: 1) “Onde o amor e a caridade”; 2) *Ite in vineam*,*



o lema episcopal de Dom Afonso, composto em 1959; 3) “Vós sois abençoada”, um “gradual e aleluia” da Imaculada Conceição; 4) a Missa “Mãe da Igreja” e, nela, o “Creio” e o “Cordeiro”... Número de artigos, na minha vida já longa, também não sei. Cito os artigos e resenhas publicados quase em cada um dos 42 números da revista do ITESC, *Encontros Teológicos*. Quanto aos livros, apenas dois comentários bíblicos, e três opúsculos: 1) *Sirácida ou Eclesiástico*, comentário ao livro do Eclesiástico, ed. Vozes, 1992, 260 p.; 2) *Livro da Sabedoria – aos governantes, sobre a Justiça*, comentário ao Livro da Sabedoria, ed. Vozes, 1999, 236 p.; 3) *A Ceia Pascal Cristã*, ed. Paulus, 50 p, 1ª ed. em 1982, atualmente na 7ª edição; 4) *Santa Catarina de Alexandria, Padroeira da arquidiocese de Florianópolis, da Ilha e do Estado de Santa Catarina*, ed. Impr. Oficial do Estado, 2002, 51 p.; 5) *Salmo 105 – o salmo do puro louvor*, no prelo, Ed. Paulinas, previsto para inícios de 2006.

Seus trabalhos como exegeta no Brasil e na Pontifícia Comissão Bíblica. Houve evolução no modo de fazer exegese de antes do Concílio, no início do ITESC, e hoje? Meus trabalhos e contribuições como exegeta no Brasil restringem-se às traduções dos livros bíblicos e aos artigos publicados. Quanto às traduções, colaborei com a “Bíblia de Jerusalém”, da Paulus, traduzindo Macabeus, Daniel, Baruc, e Atos dos Apóstolos; com a Bíblia da LEB/Loyola, traduzi o livro do Êxodo; com a “Bíblia da Vozes”, traduzi os dêutero-canônicos; Com a TEB, Tradução Ecumênica da Bíblia, traduzi o Sirácida, Judite, o evangelho e a primeira carta de João, e o Apocalipse; finalmente, na Bíblia da CNBB, contribuí com Jó, Provérbios, Eclesiastes, Cântico, Sabedoria, Sirácida, Tobias, Judite, Ester, e Macabeus. Não fiz um trabalho pastoral de divulgação da Bíblia a nível popular, algo, por exemplo, que de longe se assemelhasse aos “círculos bíblicos” e, depois, ao CEBI do frei Carlos Mesters. Talvez pelo motivo de ter tido sempre compromissos fixos com o Coral e a Penitenciária nos finais de semana, que seriam o tempo propício para sair por aí dando cursos, e também porque não tenho lá muito o dom de “trocar em miúdos” o conteúdo que possuo, o fato é que não tenho feito esse trabalho de divulgação. O mesmo se diga das minhas composições litúrgicas: não as tenho gravado nem divulgado em cursos por aí como p.ex. Irmã Mária, que se dedica a essa atividade em tempo integral. Nesse sentido, meu “marketing” é fraco... Quanto à evolução na exegese, é sabido que houve grande mudança, em relação à situação de antes do Concílio. Novamente, como na Liturgia e na Eclesiologia, também na Exegese a mudança não veio de sopetão. Foi longamente preparada. A



Dei Verbum, cujos 40 anos de promulgação estamos celebrando neste final de 2005, referendou a nova forma de fazer exegese: menos escolástica e menos *eis-egese*, e “mais bíblica”, no sentido de mais *ex-egese*, mais brotada do próprio texto, analisado segundo o método histórico-crítico e no seu contexto sócio-ecclesial. Nesse sentido, a América Latina contribuiu com uma visão mais sociológica, privilegiando os pobres como sujeito de leitura da Bíblia. O início do ITESC coincidiu com essa nova fase, e tem procurado – de minha parte, tenho procurado – manter essa linha, atento aos sinais dos tempos. Quanto à minha participação na Pontifícia Comissão Bíblica, para a qual fui nomeado por João Paulo II em 2001, confesso que foi uma nomeação que me pegou totalmente de surpresa. E isto porque penso, sinceramente, não por falsa modéstia, que vários outros exegetas brasileiros estariam bem mais qualificados do que eu. Mas, como não me candidatei, não procurei essa honra, aceitei-a evidentemente com alegria, inclusive pelo fato de essa nomeação proporcionar-me uma viagem anual a Roma, com o convívio, por uma semana, com outros 19 exegetas de vários países do mundo. É mais uma dessas graças, privilégios, com que o Senhor me tem cumulado ao longo da vida.

Sua relação com o catolicismo popular e um cristianismo mais iluminado. Como concilia esses dois amores? É uma pergunta instigante. Creio que a resposta está na minha convicção de que é preciso “avançar”, estar aberto ao novo, às novas percepções que o Espírito faz ver à Igreja, e fará ainda, segundo a promessa do Senhor em Jo 16,13 (*O Espírito conduzirá vocês à plenitude da Verdade*) e, por outro lado, é preciso ter fidelidade ao “depósito”, ao que foi recebido, aos valores do passado. É claro que é preciso distinguir, como alerta Yves Congar, entre a *Tradição*, com T maiúsculo, e as *tradições*: estas, periféricas, mutáveis. Assim, por exemplo, na Mariologia: não concordo com o minimalismo mariológico de Hans Küng, a quem admiro em tantos outros pontos. E exemplifico: se ele encontrou um “exagero” mariológico em Lourdes, segundo o que relata em sua autobiografia, para mim Lourdes foi, e continua sendo, uma expressão autêntica da piedade católica, que através de Maria chega sempre a seu Filho divino, o Senhor Jesus. Por outro lado, não uso o escapulário, e dele não faço propaganda; não concordo com devoções inventadas como a de “Nossa Senhora desatadora dos nós”; não consigo entender essas aparições diárias de Medjugorje e as “locuções interiores” do Pe. Stefano Gobbí etc, etc. Sempre que possível – não todos os dias! – rezo o terço, que trago sempre comigo; sempre que visito Azambuja, vou à gruta e entro no Santuário; aqui na Capela do Instituto Teológico, acho que se valoriza pouco a imagem (um biblista falar assim!) de “Nossa Senhora do ITESC”... Enfim, procuro levar a sério a advertência da segunda carta de João, contra os “avançados” que não “permanecem”:



Todo aquele que avança e não permanece na doutrina do Cristo, não possui a Deus (2Jo 9). É claro que há toda uma discussão e análise a ser feita do que seja esse “permanecer”, mas não é o caso aqui.

Quais os sentimentos que o alcançam no outono de sua existência?
São vários. Um deles, a íntima, profunda gratidão, por tantas oportunidades que tive em minha vida, tantos sonhos realizados, tantos favores recebidos. Gratidão, portanto, a Deus, fonte de todo bem, e a tantos instrumentos humanos da Sua providência: tantos amigos e amigas, também em outros países e continentes, tantos que já me precederam na Casa do Pai, e tantos que continuam a caminhada comigo. Mas também angústia: angústia por tanto sofrimento no mundo, perto e longe de mim, dos presos e dos pobres, sofrimento que é tão difícil entender! Por isso mesmo, procurando respostas, encontro-as em alguns textos da Bíblia. A começar do primeiro versículo, a meu ver fundamental: *No princípio, Deus criou o céu e a terra* (Gn 1,1). É que aí encontro a cosmovisão fundamental, da qual depende todo o resto: crer, ou não crer. Admitida esta cosmovisão da fé, o resto é consequência. Este Deus criador é Amor, como proclama o Discípulo amado na sua primeira carta (1Jo 4.8.16), verdade sublime, porém, que só será crível na medida em que for traduzida, concretizada, feita *carne*, como o próprio Deus se fez, em seu Filho (cf Jo 1,14). Este Filho *amou-nos até o fim* (Jo 13,1). E *antes de passar deste mundo ao Pai*, deixou-nos dois gestos, dois ritos, característicos de seus discípulos: o lava-pés e a Eucaristia. Uma destas graças imerecidas da minha vida é este privilégio, sublime, de presidir o rito eucarístico. Se não me engano em minhas anotações, cheguei, hoje, 07-02-06, ao total de 22.583 missas! E posso confessar, como tantos outros presbíteros antes de mim, que ainda não esgotei – e não esgotarei nunca – a riqueza infinita do conteúdo de um gesto tão simples: *Tomai... Comei...* Terminando esta confiança, revelo o conteúdo de minha oração. Estando no ITESC, gosto de rezar a liturgia das Horas diante do Santíssimo, gosto de dar entradinhas rápidas na Capela, mas não tenho o hábito da oração demorada, da contemplação. Acompanha-me, porém, constantemente, a oração do peregrino: *Meu Jesus, misericórdia!*, ou: *Senhor, tem compaixão de mim!*, ou: *Não te esqueças de mim!*, um “mim”, aliás, que sempre inclui o “nós”. Ou, quando penso na violência ou no perigo que nos rondam, a mim e aos outros, vem-me espontaneamente, freqüentemente, a invocação final do Pai-nosso: *Livra-nos do mal!* Constantemente, também, rezo pelos presos e pelos pobres... E assim, equilibrando-me entre a gratidão e a angústia, vou levando, lutando, trabalhando, esperando, na certeza de que Ele está comigo, melhor dizendo, está conosco, no meio de nós!

Florianópolis, ITESC, aos 07 de fevereiro de 2006